



**MULHERES TRABALHADORAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP:  
quais desafios encontrados?**

Erica Carvalho Nunes\*

**RESUMO**

Este artigo apresenta resultados da pesquisa realizada sobre os desafios das acadêmicas trabalhadoras do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), do *Campus* Universitário de Sinop. A teoria do materialismo histórico dialético de Karl Marx embasou a pesquisa e a análise dialética materialista do fenômeno investigado. Como ferramenta de coleta de dados, usou-se da entrevista com roteiro semiestruturado. A empiria da pesquisa denotou que estas acadêmicas assalariadas entendem que é necessário fazer esse investimento em sua formação profissional, para que possam ter espaço no mercado de trabalho. Além dos problemas financeiros, familiares, da falta de tempo para ter o lazer e estudar.

**Palavras-chave:** Pedagogia. Acadêmicas trabalhadoras. Mercado de trabalho.

**1 INTRODUÇÃO**

Muitas perguntas surgem a respeito sobre o papel da mulher em nossa sociedade capitalista, correlacionando o tempo de trabalho assalariado com o tempo da vida. Neste contexto a problematização que orientou a análise do objeto pesquisado foi “quais as condições que as mulheres trabalhadoras têm para realizarem a formação acadêmica no curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* de Sinop”, elencando nessa mesma perspectiva os desafios enfrentados por essas mulheres ao decorrer do seu

---

\* Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **MULHERES TRABALHADORAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP: quais os desafios encontrados?**, sob a orientação do Professor Dr. Marion Machado Cunha, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2015/2. E-mail: cegatinha@hotmail.com.

processo formativo. Mediante a curiosidade sobre o objeto de pesquisa inicialmente fez-se leituras bibliográficas para obtenção dos primeiros conhecimentos referente ao tema. Os pressupostos teóricos metodológicos que constituem a base conceitual desse trabalho pauta-se na concepção do materialismo histórico e dialético de Karl Marx. Esta teoria possibilita ao pesquisador compreender qual foi o processo histórico de formação do objeto da pesquisa, os resultados materiais sociais e as contradições constitutivas dos fenômenos.

Triviños (2006) define defende que o materialismo histórico define as relações sociais como processo humano transitório e mediado por contradições. O ser social como um ser de relações materiais, um ser de intervenção e de transformação dessa mesma natureza. Os resultados obtidos com a pesquisa denotam que as mulheres encaram dificuldade tais como falta de recursos financeiros, problemas familiares, dificuldades em conciliar o tempo dos estudos com o tempo para a família e a profissão, a falta de tempo para o lazer, entre outros. Essas mulheres acadêmicas apesar de sofrerem com essas dificuldades fazem o que for necessário para obter essa formação profissional, pois as mesmas almejam melhorarem as suas condições materiais de vida e da sua família. Para elas, isso somente ocorrerá mediante ao investimento feito em sua formação profissional para obter novas ocupações no mercado de trabalho.

## **2 MATERIALISMO HISTÓRICO E A PESQUISA**

Para o materialismo histórico, a superestrutura é fruto do desenvolvimento das relações vivenciadas e elaboradas pelos sujeitos na produção material. Nesse processo dinâmico e dialético de produção da vida, considerando a sociedade capitalista, o sujeito é permeado pelo antagonismo da luta de classes.

A luta de classes que não surgiu do nada, e nem que é uma entidade alheia aos homens, mais sim fruto das formações econômicas travadas ao longo da história e na forma como o trabalho humano foi se desenvolvendo: resultado das relações de produção dos próprios sujeitos que surge em um determinado tempo histórico, sobre determinadas condições sociais, políticas e econômicas. É nesse bojo da luta dos contrários, daqueles que se apropriam do trabalho humano e os que produzem com seu trabalho, que as mulheres também são constitutivas da luta de classes.

O objeto investigado é reflexo de experiências vivenciadas pela pesquisadora enquanto mulher trabalhadora e acadêmica do curso de Pedagogia, *Campus* Universitário de Sinop, que vivencia cotidianamente os desafios de conciliar a vida familiar, acadêmica e profissional.

Nesse sentido a partir de tais experiências, foi problematizado como as acadêmicas do curso de Pedagogia, que também são trabalhadoras, enfrentam em seu cotidiano para conciliarem a vida acadêmica e profissional.

Nessa perspectiva como somos influenciados pelas nossas experiências de vida, então priorizou entender quais seriam essas dificuldades e se elas eram compartilhadas entre as mulheres que faziam o Curso. Parte-se dos indivíduos reais que vivenciam esse processo na Universidade para abstrair as suas condições materiais de existência que se trate das construídas sócio historicamente.

Os sujeitos participantes da pesquisa realizada foram acadêmicas da segunda, quarta e oitava fase da Licenciatura Plena em Pedagogia, na qual foram três trabalhadoras assalariadas e três não assalariada. A ferramenta metodológica usada para a obtenção dos dados empíricos foi uma entrevista com roteiro semiestruturado.

### **3 A MULHER NA SOCIEDADE CAPITALISTA: o trabalho e a vida**

A mulher trabalhadora, como pertencente a universo do mundo assalariado, está mediada pela luta de classes, ou seja, trata-se das oposições antagônicas à força do capital que imprime a negação da existência humana em função da reprodução das leis de exploração e expropriação do capital. A mulher trabalhadora vive sob as mesmas leis de violência do capital, da separação dos meios de produção e das fragmentações do ser humano.

De acordo com a definição do Dicionário do Pensamento Social do Século XX. (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 773) trabalho é o esforço humano dotado de um propósito e envolve a transformação da natureza através do dispêndio de capacidades físicas e mentais. No processo histórico de formação da humanidade, o trabalho foi pensado e estruturado, de diversas formas em diferentes tipos de sociedade. Para Marx a principal função do trabalho, é a produção e manutenção da vida. Ele é o elemento Basilar do processo de humanização (MARX, 1989, p.208). Contudo o trabalho em sua essência sofreu uma distorção brutal, na sociedade capitalista. Pois o mesmo tornou-se meio de proliferação da desumanização, da exploração por meio de sua faceta abstrata.

O sistema capitalista pauta-se na extração da força de trabalho e na acumulação do capital. E seguindo esta linha lógica, a classe trabalhadora é expropriada do seu bem, a sua força de trabalho. Portanto o trabalho em nossa sociedade capitalista, invés de promover melhores condições materiais de vida para todos, faz com que se acentuem as contradições sociais gestadas pelo sistema do capital, para que assim possa-se garantir o lucro, o acúmulo

de capital, a pobreza humana, financeira, intelectual, política, cultural, o desemprego, o adoecimento dos trabalhadores, a opressão, sendo tudo isto elencado como necessários e valor irrisório.

O autor Marx, no seu livro o capital livro I (MARX, 1989, p. 201-216) deixa claro que o comprador da força de trabalho, só a extrai, a medida que o vendedor dela trabalhe, ou seja o trabalhador transforma a sua potência de trabalho, em uma ação concreta. O homem antes de realizar o trabalho, apenas é sabedor de que pode o fazê-lo, porém o mesmo se torna trabalhador quando age para realização do trabalho, que inicialmente era apenas potência em ti. Sendo assim o trabalho, ou melhor, dizendo o processo de trabalho não altera em sua natureza, enquanto trabalho, por estar sobre o controle do capitalista. “O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza.”

Nas últimas décadas do século XX, presenciamos um dos fatos mais marcantes na sociedade brasileira, que foi a inserção, cada vez mais crescente, da mulher no campo do trabalho, fato este explicada pela combinação de fatores econômicos, culturais e sociais. Em razão do avanço e crescimento da industrialização no Brasil, ocorreram a transformação da estrutura produtiva, o contínuo processo de urbanização e a redução das taxas de fecundidade nas famílias, proporcionando a inclusão das mulheres no mercado de trabalho. O resultado, segundo se dizia, era que as mulheres só poderiam trabalhar durante curtos períodos de suas vidas, abandonando o emprego remunerado depois de casar ou de terem filhos, voltando ao trabalho mais tarde só no caso de os maridos não serem capazes de sustentar a família (SCOTT, 1994, p. 444).

A mulher trabalhadora do nosso século é fruto da Revolução Industrial, pois a partir desse período a mulher deixou de ser reservada aos afazeres domésticos e cuidados com a família, e partiu rumo a um grande avanço e lenta inserção ao mercado de trabalho. Segundo Marques (2006, p. 92) “A mulher se liberta de seus valores tradicionais e cai nas entranhas do capital.” Dessa forma, a personalidade da mulher moderna é marcada principalmente pelas transformações que essa nova dinâmica do sistema provoca nelas. Sendo que requer destas características de força e de alguém que saiba se posicionar assemelhando se assim ao próprio homem cujas marcas são permanentes. Onde as exigências desse sistema transformam as mulheres, aguçando nessas características que compõem sua individualidade.

O que se conclui com os estudos sobre a situação da mulher no mercado de trabalho é que ocorre uma dificuldade em separar a vida familiar da vida laboral ou vida pública da vida

privada, mesmo em se tratando da participação no mercado de trabalho, na população economicamente ativa. (CAMARGO, 2011, p. única).

Como afirmou Camargo (2011, p. única), as mulheres representam em boa medida o provimento econômico de suas famílias, sendo estas também com percentual maior de escolaridade, entretanto essas mulheres acabam tendo um acúmulo de funções devido a desempenhar diversos trabalhos na área profissional, acadêmica e familiar. Devido ao sistema do capital, como discorre Mézáros (2002, p. 98), todos são incluídos nas relações de reprodução do capital independente se desejam ou não, pois o mesmo se constitui como uma força totalizadora irrecusável e irresistível que utiliza sua força coercitiva de tal função totalitária. (MÉSZÁROS, 2002, p. 98).

#### **4 A MULHER TRABALHADORA NO CURSO DE PEDAGOGIA: desafios no movimento entre ser mulher e trabalhadora assalariada**

Ao se pensar na divisão do trabalho e suas contradições vemos que o papel da mulher na sociedade se modificou à medida que as necessidades se modificaram, e inserir-se em diversas esferas sociais não foi algo dado, mas sim conquistado através de diferentes movimentos que objetivavam dar autonomia a essas trabalhadoras. Segundo Marx e Engels (1993, p. 46):

Com a divisão do trabalho, na qual todas estas contradições estão dadas e que repousa, por sua vez, na divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em diversas famílias opostas umas às outras, dá-se ao mesmo tempo a distribuição, e, com efeito, a distribuição desigual, tanto quantitativa quanto qualitativamente, do trabalho e de seus produtos; ou seja, a propriedade, que já tem seu núcleo, sua primeira forma, na família, onde a mulher e os filhos são escravos do marido.

[...] Além disso, divisão do trabalho e propriedade privada são expressões idênticas: a primeira enuncia em relação à atividade, aquilo que se enuncia na segunda em relação ao produto da atividade. Com base nessas afirmações consideramos que as relações travadas pelas mulheres correspondem ao desenvolvimento da propriedade privada e da divisão social do trabalho. A concepção da mulher como inferiorizada e desvalorizada está intimamente ligada ao desenvolvimento das relações históricas da expropriação do trabalho.

Atualmente acredita-se que a mulher tem um papel de igualdade em relação ao homem na sociedade, porém apesar de ter direitos garantidos por lei, ainda persiste no inconsciente coletivo um sentimento de rejeição e inferiorização em relação à mulher, vista ainda como sexo frágil, e incapacitada. Um dos direitos garantidos por lei para as mulheres é a educação, algo que se materializou a partir de muitas lutas.

A imagem da mulher educada apenas para os fazeres domésticos, sendo que a grande preocupação era criar uma mulher afável, que soubesse bordar, costurar, cozinhar e cuidar dos filhos e do marido corresponde às formas de subordinação da mulher, mas só compreensíveis mediante a força da divisão social do trabalho e da propriedade privada. A luta da mulher pelos seus direitos na sociedade capitalista também é a luta contra essas forças históricas.

Do acesso a educação superior, as contradições do sistema capitalista influenciam diretamente no processo de escolha, inserção e permanência nas universidades. Sabemos que as instituições de ensino superior têm mantido um modelo excludente, apesar do discurso democrático, que afirma ser um espaço para todos, é necessário observar a quem temos intitulado 'todos', pois o que perdura é a manutenção de ideologias da classe dominante, o que tem impossibilitado a maioria das mulheres de acesso ao ensino superior. Vemos que há outras contradições que se colocam á frente da mulher acadêmica, um deles é o acúmulo de responsabilidades, sobre isto tratamos especificamente nessa pesquisa.

Para muitas mulheres trabalhadoras e estudantes a dificuldade de se manter em curso de graduação se dá principalmente no sentido de conciliar seus afazeres domésticos, seu trabalho e os estudos. Assim, a lógica da mulher como mãe e esposa se põe como negatividade em relação a outras esferas sociais, como a educação. Sendo assim vivenciam os conflitos de ser mulher, universitária e trabalhadora assalariada, responsabilizadas geralmente do compromisso de cuidar do lar.

Sobre isto Magalhães (2005, p. 35) discorre da seguinte forma:

[...] A responsabilidade com os cuidados dos filhos não é repassada nem quando a família faz uso de creches e outros mecanismos, pois admitir que as tarefas de reprodução cotidiana não são eminentemente femininas seria considerá-las desvinculadas da natureza da mulher, o que proporcionaria um rompimento com a construção simbólica que, desde a antiguidade afirma ser as funções do útero e da amamentação os únicos determinantes do lugar social feminino. Paralelamente, essa aceitação significaria a necessidade de viabilizar o trabalho doméstico e de computá-lo como horas gastas na manutenção da reprodução do sistema, o que acarretaria grandes perdas para a lógica do capital.

Na especificidade do objeto de pesquisa, o Curso de Pedagogia na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Sinop, é o que tem o maior número de mulheres. Em geral as licenciaturas em todo o Brasil tem predominantemente a presença feminina.

À medida que essas mulheres se veem enquanto acadêmicas, as contradições que envolvem esse processo formativo e pedagógico vão surgindo conflitos de várias ordens, ao mesmo tempo em que a mulher é desafiada pelas suas próprias lutas contra as relações de

opressão e violência. Desse modo, a questão intrínseca a ser elucidada é que a entrada e permanência da mulher no curso de pedagogia perpassam as questões de luta de classes em função de uma sociedade dividida em classes: uma sociedade cheia de mazelas e preconceitos, dentre eles o machismo que tem mantido a mulher em estado de passividade e opressão.

A partir da entrada na universidade também podemos observar novas configurações surgirem, a medida que a mulher vai se educando quebra-se paradigmas, esse rompimento tem acontecido de maneira explicita, a mulher graduanda do curso de pedagogia não aceita mais a condição de oprimida.

## **5 AS TRABALHADORAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNEMAT/SINOP: os condicionantes materiais e as contradições geradas no processo formativo dessas mulheres**

Para iniciar este diálogo primeiramente é preciso enfatizar a intrínseca relação existente entre a formação acadêmica e as exigências impostas pelo mercado. Pois em boa medida 80% dos acadêmicos matriculados nos cursos realizados no período noturno na UNEMAT/SINOP são trabalhadores que por necessitarem trabalhar no período diurno são condicionados a estudarem a noite.

Decidiu-se para realização da pesquisa escolher mulheres que são assalariadas e não assalariadas, pois se buscou com os dados obtidos construir um diálogo problematizador que desvele as dificuldades e os desafios vivenciados por essas trabalhadoras no que tange a sua condição de mulher assalariada, que necessita cada vez mais dentro da nossa sociedade capitalista investir na sua formação profissional para que tenha espaço no mercado de trabalho, ainda que estas recebam valores inferiores ao salários dos homens quando há esta comparação da relação dos gêneros como recortes da classe trabalhadora.

Foi escolhido para realizar essa pesquisa seis mulheres que estão cursando Pedagogia pela UNEMAT do Campus de Sinop. Foram escolhidas três acadêmicas assalariadas e três acadêmicas que não são assalariadas que não contribuem para o orçamento familiar.

O primeiro grupo de acadêmicas está na faixa etária de 19, 21 e 40 anos. Essas mulheres tem uma media salarial de um a seis salários mínimos. Esse grupo de sujeitos da pesquisa receberam nomes fictícios de pedras preciosas. A primeira entrevistada foi denominada Turmalina, a segunda Esmeralda e a terceira de Diamante. O segundo grupos de acadêmicas estão na faixa etária de 29, 31 e 39 anos. Essas mulheres não possuem carteira

assinada. Elas também receberam nomes fictícios de pedras preciosas. A primeira entrevistada foi a Safira, a segundo Ametista e a terceira Topázio.

**(01) Ametista:** Eu tenho empregada domestica, mas eu também faço o serviço da casa [...]. Não trabalho fora [...]. Quem me sustenta é meu marido [...]. Minha família não me apoia porque acha que pedagogo não tem futuro [...]. Já tive muita vontade de abandonar meu curso, mas não abandonei porque minha mãe precisa de uma filha com diploma, então, vamos lá.

Fica evidenciado na entrevista de Ametista que sua situação a dispensa “de ter de trabalhar” e que o planejamento econômico familiar é oriundo do seu esposo, que recebe um valor aproximado de doze salários mínimos. Fica evidenciado na entrevista de Ametista que sua situação a dispensa “de ter de trabalhar” e que o planejamento econômico familiar é oriundo do seu esposo, que recebe um valor aproximado de doze salários mínimos.

Neste caso, Ametista diz que sua situação financeira é satisfatória. E a partir deste principio ela julga que a sua formação pelo curso de Pedagogia enquanto capital intelectual não lhe trará rendimentos maiores do que os investimentos feitos no processo de formação na Universidade.

A quarta entrevistada, Turmalina, trabalha com carteira assinada, recebe dois salários mínimos e não tem filhos. Ao responder se a empresa na qual trabalha lhe apoia fazer o curso de Pedagogia ela relatou que:

**(02) Turmalina:** Não apoia. Na verdade eles gostariam que eu estivesse fazendo contabilidade, porque eu ‘tô’ fora da área. Eles não gostam que acesse nada que não seja relacionado ao serviço. A empresa na qual ela trabalha não lhe apoia fazer o curso de Pedagogia, pois eles gostariam que ela fizesse o curso de Ciências Contábeis. A maior dificuldade que ela encontra ao conciliar o curso de Pedagogia com o trabalho é em relação não ter tempo para cuidar dos seus afazeres domésticos e aos estágios, pois ela tem que entrar em acordo com a firma e nesse período de estágios obrigatório adiantar as férias, caso contrário, os dias não trabalhados são descontados do seu holerite.

Na questão sobre se ela já teve vontade de abandonar o curso de Pedagogia ela relatou que:

**(03) Turmalina:** Sim. Os meus pais moram em outra cidade e meu pai esses dias passou por um grave problema de saúde, eu fiquei desesperada, minha vontade era largar tudo e ficar lá com eles. Só que eu preciso estudar, porque eu preciso cuidar deles e aí eu preciso ganhar bem futuramente né, aí eu vejo que eu não posso fazer isso. Eu já transferei meu curso de Juara para cá, perdi basicamente um ano, tive que para trás de novo, e eu não quero, quero continuar até o final.

Nesse sentido através dessa pesquisa fica evidenciado que essas mulheres conciliam com dificuldades a sua vida pessoal com o trabalho e a universidade. A sua ânsia dessas mulheres pelo término do curso é imenso, pois confiam que depois de formadas poderão usufruir dos frutos da sua aprendizagem e trabalho como profissional com diploma universitário. Em análise, apesar da crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho e nos bancos da universidade, ainda há a hierarquização do trabalho no lar, que na maioria das vezes é restrito ao sexo feminino, ou seja, as questões que são relacionadas ao trabalho doméstico, ainda são de maioria concretizada pelas mulheres. Sendo assim, essa tripla jornada trabalho, família e universidade faz com que os desafios se tornem ainda maiores.

## **6 CONCLUSÃO**

A elaboração dessa pesquisa possibilitou refletir sobre as condições de vida e trabalho da mulher inserida no processo de desenvolvimento da sociedade capitalista. Nesse sentido, fica evidenciado que as mulheres do curso de Pedagogia em seus maiores desafios ao conciliar a vida acadêmica e profissional, independente de serem trabalhadoras assalariadas ou não, essas mulheres sentem as dificuldades diariamente e, além disso, muitas vezes se sentem culpadas por não poderem dar atenção adequada para o lar e seus filhos.

E o que está explícito na entrevista dada por essas acadêmicas, é que, além de se formarem no curso de Pedagogia são suas lutas na condição de trabalhadoras e a necessidade criarem condições dignas de vida. Nesse sentido, as lutas das mulheres trabalhadoras do Curso de Pedagogia, que são mães, namoradas, esposas, trabalhadoras da casa, tem nessas lutas sua força não por enfrentar as dificuldades, mas de corresponder a uma força de classe em produzir alternativas para as vidas dos trabalhadores nas brechas das contradições gestadas pelo capital.

## **WORKING WOMEN OF THE PEDAGOGY**

**COURSE UNIVERSITY CAMPUS OF SINOP:  
what challenges found?**

**ABSTRACT<sup>1</sup>**

This article presents results of research conducted on the challenges of Pedagogy course workers and academic at the University of the State of Mato Grosso (UNEMAT), Campus of Sinop. The dialectical theory of historical materialism of Karl Marx served search and materialistic dialectic analysis of the phenomenon investigated. As data collection tool, used if the interview with Semi structured roadmap. The research team analyzed empirically that these salaried academic understand that it is necessary to make this investment in their training, so they can make room in the labor market. In addition to financial problems, family, lack of time for leisure and study.

**Keywords:** Pedagogy. Academic workers. The labour market or Market of work.

**REFERÊNCIAS**

AMETISTA. **Ametista, acadêmica do Curso de Pedagogia**. Entrevista [04 de maio de 2015]. Entrevistadora Erica Carvalho Nunes, Sinop, 2015. Questionário transcrito para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado MULHERES TRABALHADORAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP: quais desafios encontrados?

CAMARGO, Orson. A mulher e o mercado de trabalho. **Brasil Escola**. Seção Sociologia. Disponível em: <[www.brasilecola.com/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm](http://www.brasilecola.com/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

LOPES, C. L. E. **8 de março, Dia Internacional da Mulher – Uma data e muitas histórias**. Disponível em: <<http://www.ubmulheres.org.br/paginas/historia>> Acesso em: 20 jun. 2015.

MAGALHÃES, Belmira. **As marcas do corpo**. Maceió: Edufal, 2005.

MARX, Karl. **O Capital**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 1.1. v.1.

\_\_\_\_\_. **O Capital**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989a. 1.1.v.2.

\_\_\_\_\_. **O Capital**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. 1.3. v.6.

\_\_\_\_\_. **O Capital: Livro I, capítulo VI (inédito)**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

---

<sup>1</sup> Tradução realizada por Patrícia Aparecida da Silva do Conselho de Tradutores para Línguas Estrangeiras (CTLE) da **Revista Eventos Pedagógicos**.

\_\_\_\_\_. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005a.

MÉSZAROS, Istvan. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

SCOTT, Joan. A mulher trabalhadora. In: FRAISSE, Genevieve; PERROT, Michelle (Orgs.). **A história das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Tradução: Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Mota. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.

TURMALINA. **Turmalina, acadêmica do Curso de Pedagogia**. Entrevista [04 de maio de 2015]. Entrevistadora Erica Carvalho Nunes, Sinop, 2015. Questionário transcrito para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado MULHERES TRABALHADORAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP: quais desafios encontrados?

Recebido em: 23 de setembro de 2015.

Aprovado em: 22 de outubro de 2015.